



MARCOS RODRIGUES DIAS LIMA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO REALIZADO
NA ESTAR BEM PET**

LAVRAS – MG

2023

MARCOS RODRIGUES DIAS LIMA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO REALIZADO NA ESTAR BEM
PET**

Relatório de estágio supervisionado apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Medicina Veterinária, para a obtenção do título de Bacharel.

Prof.^a Maria Raquel Isnard Moulin
Orientadora

LAVRAS – MG

2023

MARCOS RODRIGUES DIAS LIMA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO REALIZADO NA ESTAR BEM
PET**

SUPERVISED INTERNSHIP CARRIED OUT AT ESTAR BEM PET

Relatório de estágio supervisionado apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Medicina Veterinária, para
a obtenção do título de Bacharel.

APROVADO em 13 de julho de 2023

Prof.^a Maria Raquel Isnard Moulin - UFLA

Prof. José Rafael Miranda - UFLA

Med. Vet. Ana Luisa Lopes Fagundes – ESTAR BEM PET

Prof.^a Maria Raquel Isnard Moulin

Orientadora

LAVRAS – MG

2023

À minha família, que sempre foi o motivo de tudo.

Dedico

AGRADECIMENTOS

O fim é parte da jornada. Muitas vezes imaginei como seria este momento, e estar vivendo ele agora me deixa feliz e orgulhoso, com a sensação de dever cumprido.

Os caminhos futuros são incertos, mas diferente deles, meus agradecimentos possuem destinos certos.

Agradeço a Deus, pelo dom da vida, pela saúde, proteção e pelas oportunidades de seguir forte, confiando sempre no que ele prepara para mim.

Agradeço aos meus pais, que são a razão de tudo, são minha fortaleza e minhas maiores inspirações.

Agradeço ao Pedrinho, que me alegra e me orgulha todos os dias, fazendo de mim um ser humano melhor enquanto busco ser um bom irmão para ele.

Agradeço as minhas famílias, materna e paterna, o privilégio de ter todos em minha vida me faz muito mais feliz.

Agradeço aos meus amigos, os antigos de sempre e os novos que fiz pelo caminho, obrigado pelo suporte, parceria e por me fazerem muito bem.

Agradeço ao Tobi, que sempre esteve ao meu lado, me inspirou e será sempre muito amado.

Agradeço a minha namorada Laís, que foi um presente de Deus nessa jornada e chegou para me completar, me ajudar e me fazer ainda mais feliz.

À Universidade Federal de Lavras, seus docentes, técnicos e funcionários que contribuíram com este meu ciclo de graduação. Em especial, a professora Maria Raquel pela orientação e apoio, ao professor José Rafael por todo auxílio e disponibilidade e a Med. Vet. Ana Luisa por toda a paciência e ensinamentos compartilhados.

Que eu possa seguir contando com todos para os próximos passos.

Vencemos mais uma!

RESUMO

De acordo com a grade curricular do curso de Medicina Veterinária da Faculdade de Zootecnia e Medicina Veterinária (FZMV) da Universidade Federal de Lavras (UFLA), o décimo semestre é constituído pela disciplina PRG 107, que corresponde ao estágio supervisionado obrigatório. Na disciplina em questão, o discente deve cumprir no mínimo 408 horas de atividades práticas e 68 horas de atividades teóricas, que correspondem à escrita do relatório final de estágio. Assim sendo, o mesmo objetiva proporcionar um período de vivência prática e aprimoramento do conhecimento técnico e científico na área de interesse do discente. O presente relatório tem como objetivo relatar o estágio supervisionado realizado na Estar Bem Pet, em Belo Horizonte - MG, sob supervisão da médica veterinária Ana Luisa Lopes Fagundes e sob orientação da professora Dra. Maria Raquel Isnard Moulin, no período de 27 de Março de 2023 a 30 de Junho de 2023, com carga horária total de 408 horas. Durante o estágio foram acompanhadas as consultas comportamentais e treinamentos positivos realizados pela empresa à domicílio e em clínicas veterinárias parceiras. Além disso, no presente trabalho é feita uma revisão de literatura e um relato de caso sobre dor associada à alterações no comportamento.

Palavras-chaves: Comportamento animal, Bem-Estar animal, Dor, Dor e alterações comportamentais.

ABSTRACT

According to the curriculum of the Veterinary Medicine course at the Faculty of Animal Science and Veterinary Medicine (FZMV) of the Federal University of Lavras (UFLA), the tenth semester consists of the PRG 107 subject, which corresponds to the mandatory supervised internship. In the discipline in question, the student must complete at least 408 hours of practical activities and 68 hours of theoretical activities, which correspond to the writing of the final internship report. Therefore, it aims to provide a period of practical experience and improvement of technical and scientific knowledge in the student's area of interest. This report aims to report the supervised internship carried out at Estar Bem Pet, in Belo Horizonte - MG, under the supervision of the veterinarian Ana Luisa Lopes Fagundes and under the guidance of Professor Dr. Maria Raquel Isnard Moulin, from March 27, 2023 to June 30, 2023, with a total workload of 408 hours. During the internship, behavioral consultations and positive training carried out by the company at home and at partner veterinary clinics were monitored. In addition, in the present work, a literature review and a case report on pain associated with changes in behavior are performed.

Keywords: Animal behavior, Animal welfare, Pain, Pain and behavioral changes.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO.....	10
3	ATIVIDADES REALIZADAS.....	11
3.1	Casuística	11
4	DOR ASSOCIADA A ALTERAÇÕES NO COMPORTAMENTO	16
4.1	Revisão de literatura.....	16
4.2	Relato de caso.....	23
4.3	Discussão.....	31
4.4	Conclusão	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

A disciplina obrigatória de estágio supervisionado PRG 107, que é oferecida no décimo período do curso de Bacharelado de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Lavras (UFLA), é composta por 408 horas práticas, que compreendem o estágio supervisionado, e 68 horas teóricas destinadas para a redação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Tem como finalidade proporcionar ao discente o aprimoramento dos conhecimentos técnicos e científicos e vivência prática na área de interesse, em instituições públicas ou privadas.

O estágio supervisionado foi realizado em Belo Horizonte - MG na Estar Bem Pet, empresa que atua realizando consultas veterinárias comportamentais, consultorias comportamentais e treinamentos positivos. As atividades foram orientadas pela professora Dra. Maria Raquel Isnard Moulin e supervisionadas pela Médica Veterinária Ana Luisa Lopes Fagundes, no período de 27 de março de 2023 a 30 de junho de 2023, com carga horária total de 408 horas. Durante o estágio foram acompanhadas as consultas comportamentais e treinamentos positivos realizados pela empresa à domicílio e em clínicas veterinárias parceiras.

O presente trabalho objetiva relatar a casuística e as atividades realizadas pela Estar Bem Pet durante o período do estágio, além de uma revisão de literatura e relato de caso sobre dor associada a alterações no comportamento.

2 DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

A Estar Bem Pet é uma empresa que presta serviços voltados para a Medicina Veterinária Comportamental em Belo Horizonte e região metropolitana, de maneira presencial, e consultorias comportamentais online para todo o Brasil e também para o exterior. A Medicina Veterinária Comportamental é uma especialidade da veterinária e um ramo da ciência que aborda os comportamentos apresentados pelos animais.

Figura 1 - Logo da empresa Estar Bem Pet.



Fonte: Do autor (2023).

A equipe da Estar Bem Pet é composta pela médica veterinária Ana Luisa Lopes Fagundes e pela bióloga Carolina Felipe. Os atendimentos e treinamentos são realizados mediante prévio agendamento via WhatsApp® ou Instagram ®. O horário de trabalho da empresa é de segunda a sexta-feira, das 09:30 às 18:30. A partir do fim do expediente ocorrem apenas consultas e treinamentos excepcionais combinados com antecedência.

A empresa realiza também mentorias e atividades de ensino e pesquisa, palestrando em instituições e eventos, contribuindo assim com a formação acadêmica de discentes, pós-graduandos e profissionais veterinários e por meio de estágios extracurriculares e curricular obrigatório.

A Estar Bem Pet realiza seus atendimentos e treinamentos à domicílio ou nas instalações de clínicas veterinárias parceiras, mediante decisão do tutor.

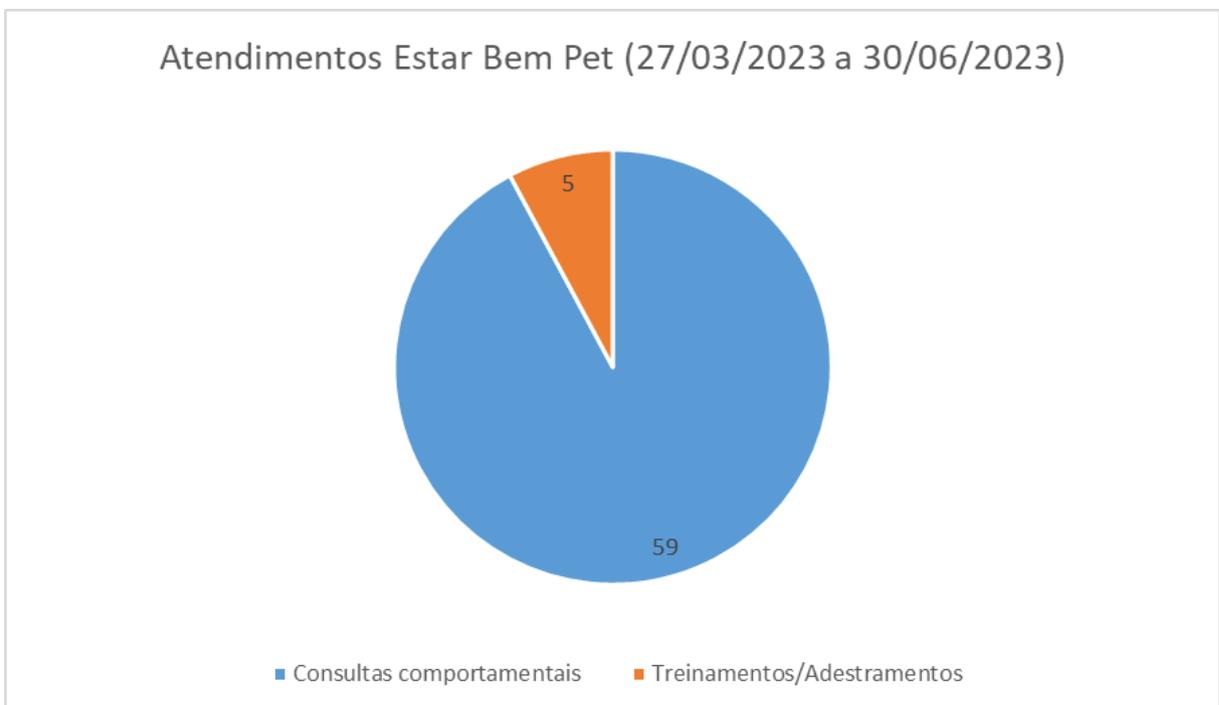
3 ATIVIDADES REALIZADAS

Durante o período do estágio, foi possível acompanhar e colaborar com a equipe por meio do auxílio e acompanhamento dos atendimentos clínico comportamentais feitos pela médica veterinária Ana Luisa realizados à domicílio e em clínicas parceiras além de auxílio no treinamento/adestramento dos pacientes. Além disso, também foi possível auxiliar na elaboração de relatórios comportamentais para os tutores.

3.1 Casuística

Durante o período de estágio foram realizados 64 atendimentos, sendo 59 (92%) consultas comportamentais e 5 (8%) treinamentos/adestramentos positivos. Não foram incluídos na contagem da casuística os pacientes atendidos em retorno ou segmento de treinamentos.

Figura 1 – Atendimentos Estar Bem Pet (27/03/2023 a 30/06/2023).



Fonte: Do autor (2023).

Quanto aos atendimentos comportamentais, os pacientes foram avaliados em relação a espécie, raça, gênero e idade. Dessa forma, observou-se que a espécie mais atendida foi a canina, com 60 animais, seguida da felina com 24 animais. Dentre essas espécies atendidas, observou-se que os machos constituíram a maior parte dos atendimentos em caninos e as fêmeas em felinos, conforme observado na tabela 1.

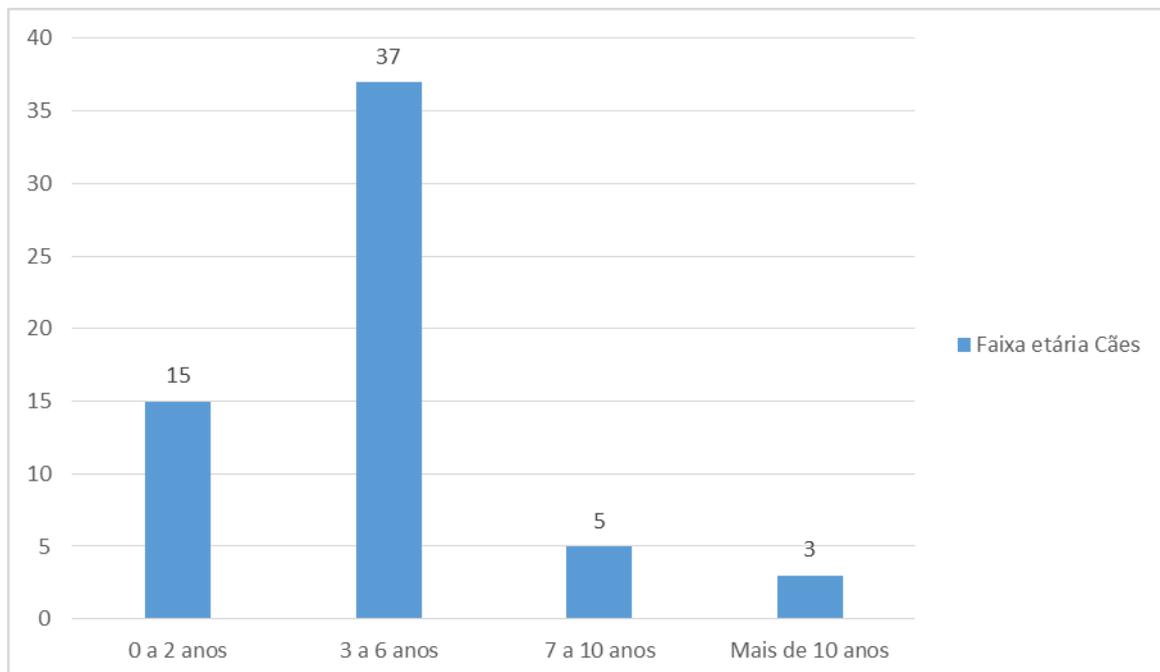
Tabela 1 – Espécies e gêneros dos animais atendidos.

ESPÉCIE/GÊNERO	MACHOS	FÊMEAS	TOTAL
CANINA	31	29	60
FELINA	11	13	24

Fonte: Do autor (2023).

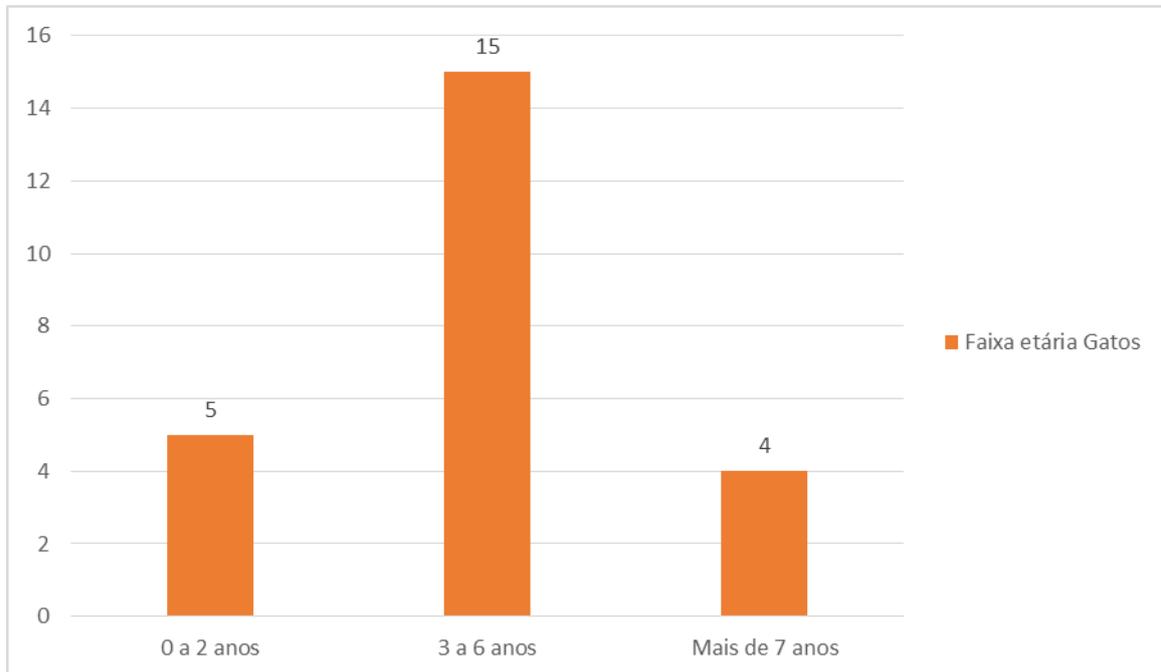
Nas figuras 2 e 3 são apresentadas as faixas etárias dos animais atendidos. Dessa forma, é possível observar que em caninos a principal faixa etária atendida correspondeu aos animais entre 3 e 6 anos de idade, seguidos das faixas de 0 a 2 anos, 7 a 10 anos e mais de 10 anos. Em relação aos felinos, identificou-se que a maioria dos animais também estavam na faixa de 3 a 6 anos de idade, seguidos das faixas de 0 a 2 anos e de mais de 7 anos.

Figura 2 – Faixa etária dos cães atendidos.



Fonte: Do autor (2023).

Figura 3 – Faixa etária dos gatos atendidos.



Fonte: Do autor (2023).

Nas tabelas 2, 3 estão descritas as raças dos caninos e felinos respectivamente. Nos caninos destacam-se os da raça Border Collie (6 animais), American Bully (4 animais), Spitz Alemão e Bulldog Inglês (3 animais cada), Golden Retriever e Pastor Alemão (2 animais cada) como os mais prevalentes. Ressalta-se que cães sem raça definida foram o grupo mais atendido, com 29 animais. Já nos felinos, observa-se os animais sem raça definida como o principal grupo de atendimento, com 23 animais, seguidos de 1 (um) felino da raça Bengal (1 animal).

Tabela 2 – Raças caninas atendidas.

RAÇAS	QUANTIDADE DE ANIMAIS
Sem raça definida	29
Border Collie	6
American Bully	4
Spitz Almão	3
Buldogue Inglês	3
Golden Retriever	2

Pastor Alemão	2
Braco Alemão	1
Shih-Tzu	1
Blue Heeler	1
Pastor Belga	1
Weimaraner	1
Akita	1
Setter Irlandês	1
West Highland White Terrier	1
Buldogue Francês	1
Beagle	1

Fonte: Do autor (2023).

Tabela 3 – Raças felinas atendidas.

RAÇAS	QUANTIDADE DE ANIMAIS
Sem raça definida	23
Bengal	1

Fonte: Do autor (2023).

As razões dos atendimentos realizados durante o período de estágio estão descritas na tabela 4, correspondendo às alterações comportamentais em caninos e felinos. Em cães a maioria dos atendimentos foram relacionados a presença de dor com alterações no comportamento com 39 casos atendidos. E em felinos, a maioria dos atendimentos foram relacionados a casos de aproximação entre animais com 10 casos atendidos.

Tabela 4 – Tópicos abordados nos atendimentos.

TÓPICOS ABORDADOS NOS ATENDIMENTOS	QUANTIDADE DE CASOS
Dor e mudanças no comportamento	39
Frustração	26
Agressividade	20
Aproximação de felinos	10
Medos e fobias	7
Aproximação de caninos	6
Treinamentos/Adestramentos	5
Problemas relacionados a separação	3
Atendimentos preventivos	3
Manejo sanitário	2
Perseguição de sombras	2
Automutilação	1

Fonte: Do autor (2023).

4 DOR ASSOCIADA A ALTERAÇÕES NO COMPORTAMENTO

4.1 Revisão de literatura

A natureza da relação entre dor e comportamento problemático pode ser complexa e heterogênea, e merece consideração (MILLS et al., 2019). Somente mediante um reconhecimento do papel potencial da dor se pode começar a construir uma base de evidências das consequências que ela pode implicar no organismo e comportamento dos animais (MILLS et al., 2019).

A questão da influência da dor no comportamento problemático pode ser notada mediante a exacerbação dos sinais de dor (como por exemplo apatia, perda de apetite, agitação, agressividade, vocalização, entre outros), sendo esse aumento dos sinais a manifestação mais comum apresentada pelos animais (BARCELOS et al., 2015). Um animal com dor também será naturalmente mais cauteloso, buscando evitar situações que causam diferentes tipos de desconforto e podendo ainda ter outros comportamentos como resultado desta dor, como o comportamento defensivo por exemplo (BARCELOS et al., 2015). Nesta categoria de comportamento há uma série de problemas comportamentais, mas talvez os mais amplamente conhecidos sejam as formas de comportamento agressivo, que variam desde rosnados, miados e sinais mais simples como olhares e lambidas no focinho até mordidas e ataques de fato. Para os animais, estes tipos de comportamento serve para ajudar a evitar o contato próximo com humanos e também com outros animais que possam estar causando estímulos dolorosos (BARCELOS; MOINHOS; ZULCH, 2015).

São exemplos de alterações comportamentais relacionadas a dor em cães: relutar em pular e/ou perseguir objetos, não quer ou reluta em sentar, início súbito de comportamentos agressivos, automutilações (região lombar, cauda ou patas traseiras), entre outros (DODD et al., 2019).

O comportamento agressivo associado à dor normalmente ocorre quando o animal é abordado e frequentemente quando está deitado e também existem casos onde muitas vezes o animal apresenta uma relutância em se mover (BARCELOS; MOINHOS; ZULCH, 2015).

A avaliação das características das mordeduras é um exemplo de observação que pode auxiliar no discernimento de animais que estão com dor daqueles que não apresentam dor, seja

esta crônica ou aguda (KNAZOVICKY et al., 2016). Os animais que sentem algum tipo de dor tendem a possuir alvos menos específicos, variando desde indivíduos familiares (humanos ou outros animais) a indivíduos não familiares e as mordidas apresentam gravidade variável e são mais comumente direcionada as extremidades dos membros dos alvos (KNAZOVICKY et al., 2016). Em contraste, os animais que não possuem estímulos dolorosos entregam suas mordidas em uma ampla diversidade de regiões do corpo, incluindo face e tronco, além dos membros (KNAZOVICKY et al., 2016; FINGLETON et al., 2015).

Os incidentes de mordida na presença sugestiva de algum tipo de dor são tipicamente mais curtos e fáceis de interromper, estes sinais são fortemente sugestivos de que as mordidas são uma ameaça violenta de baixo nível destinada a salvar o animal de uma interação posterior (SHEPHERD et al., 2009). Parece provável que sinais não violentos de nível inferior, como virar a cabeça e olhares duros, que podem ser prelúdios para uma mordida, tenham sido ignorados ou não percebidos antes disso (SHEPHERD et al., 2009).

Animais que não eram agressivos antes do início da dor podem parecer mais impulsivos, enquanto aqueles casos que já demonstraram agressividade antes do início do problema parecem ser menos impulsivos, mas mais intensos ou frequentes em suas exibições agressivas (CAMPS et al., 2012).

Esses problemas relacionados à agressividade também se apresentam em cães mais jovens, e isso pode ocorrer quando eles estão aprendendo quais sinais corporais são mais eficazes para evitarem qualquer tipo de desconforto (BARCELOS; MILLS; ZULCH, 2015). Cães mais velhos podem aprender a suprimir esses sinais (mas ainda podem sentir dor) ou encontrar uma maneira de eliminar a causa de desconforto de uma forma ou de outra (BARCELOS; MILLS; ZULCH, 2015).

Existem também relatos de casos de comportamento ostensivo envolvendo animais apresentando agressão devido a dor relacionada a outras afecções, como por exemplo doenças autoimunes (AFFENZELLER et al., 2017).

Falando especificamente de gatos, os problemas estão mais comumente relacionados à artrite e a doenças dentárias, e geralmente se manifestam majoritariamente com um pior humor e relutância em relação a interação e também no aumento do medo em alguns casos (KLINCK; FRANK; GUILLOT; TRONCY, 2012). Dor gastrointestinal em gatos associada com constipação secundária a hipotireoidismo congênito também pode resultar em comportamento

agressivo, especialmente quando acariciado. (KLINCK; FRANK; GUILLOT; TRONCY, 2012).

Mudanças no aprendizado e no desempenho também podem ser consequências da presença de dor, onde um animal pode demonstrar sinais evidentes, como claudicação por exemplo, ou não (WORTH et al., 2013). Aparentemente, a má aprendizagem nos treinamentos, pode surgir como resultado da dor e isso pode ocorrer até mesmo nas aulas de filhotes de cães (WORTH et al., 2013).

Problemas de desempenho relacionados à dor também podem se manifestar apenas durante movimentos específicos ou podem ter um aspecto mais geral no desempenho, por exemplo lentidão ou relutância (BOWEN et al., 2019). Tais mudanças podem ser notadas no início de um novo treinamento ou podem surgir em um animal treinado ao longo do tempo, por exemplo como resultado de lesão ou desenvolvimento de uma doença degenerativa e/ou doença articular (BOWEN et al., 2019).

São itens importantes a serem observados que podem auxiliar na identificação da dor no geral: nível de atividade no exercício, ânsia de exercício, frequência de descanso durante o exercício, facilidade em levantar e/ou deitar, entre outros (REID et al., 2013).

O manejo sanitário também pode ser afetado na presença de dor, onde os animais, na presença de alguma alteração fisiológica deixam de realizar o acesso aos locais onde costumam fazer suas necessidades, fazendo então estas necessidades nos lugares errados ou podem também, passar a entrar em casa (em casos que os animais não frequentam o ambiente interno) e buscar esconderijos ou até mesmo o próprio tutor (NEILSON et al., 2004). Afecções de trato urinário também são comumente razões de aumentos nos problemas de manejo sanitário nos animais, tanto em gatos quanto em cães (HOUSTON et al., 2002; HORWITZ et al., 1997). Estes tipos de casos que envolvendo dor podem responder bem a analgesia apropriada (HOUSTON et al., 2002; HORWITZ et al., 1997).

A busca de conforto, apego e busca de atenção são amplamente reconhecidos, inclusive pelos tutores, como uma resposta à dor principalmente em cães (WISEMAN-ORR et al., 2004). Portanto, não é surpreendente que esse comportamento possa se tornar condicionado, especialmente em uma espécie tão sensível ao reforço social quanto o cão (WISEMAN-ORR et al., 2004). Embora o comportamento de busca do dono possa ser um sinal bem reconhecido de doença e enfermidade em cães, ele pode se apresentar sem sinais evidentes de doença e, portanto, parecer muitas das vezes um problema de comportamento (MILLS; BERAL;

LAWSON, 2010). O comportamento de busca de atenção assume muitas formas, e é altamente individualista, pois os tutores podem inadvertidamente reforçar comportamentos de particular importância para eles (MILLS; BERAL; LAWSON, 2010).

Quando doentes, os animais podem aprender quais comportamentos ganham atenção e recursos extras, e isso pode se transformar em um problema de busca de atenção mais sério, mesmo após a doença ter sido tratada com sucesso (MILLS, et al., 2019). A taxa desses comportamentos pode diminuir acentuadamente (as vezes até quase totalmente) quando a dor é eficazmente controlada com analgesia, não se fazendo necessário o uso de exercícios de modificação comportamental específicos (MILLS, et al., 2019).

Cães podem apresentar alterações gastrointestinais devido a uma série de fatores, como por exemplo alergias, ingestão de objetos estranhos, consequências de algumas doenças, entre outros. Uma manifestação potencialmente pouco conhecida de dor gastrointestinal em cães é o comportamento de olhar as estrelas. Isso é descrito como uma elevação da extensão da cabeça e do pescoço seguida de olhar para o teto ou para o céu. Com o tratamento para as afecções gastrointestinais a observação de estrelas pode ser resolvida (POIRIER-GUAY et al., 2014).

O snap de mosca, também conhecido como morder moscas, mordida de ar ou quebra de mandíbula, é uma síndrome na qual os cães parecem observar ou ver algo não visível para os humanos e, em seguida, tentam abocanhá-lo. Também está relacionado a condições gastrointestinais, e com o devido tratamento pode ser corrigido (FRANK et al., 2012).

A lambida excessiva de superfícies foi descrita como lambar qualquer superfície em intensidade, frequência ou duração que não pode ser justificada pela exploração normal do ambiente. Em alguns cães, esse comportamento tem sido associado a distúrbios gastrointestinais, e quando tratados, os cães apresentam melhoras gradativas. O fornecimento de dietas hipoalergênicas também pode ser uma maneira de reduzir este tipo de comportamento problemático (BÉCUWE-BONNET et al., 2012).

Muitas outras formas de problemas de comportamento podem ser causadas pela dor e, sem dúvida, muitos casos permanecem sem diagnóstico devido à falha em reconhecer a relação entre os sinais clínicos e a dor (INTERNATIONAL VETERINARY BEHAVIOR MEETING, 2019). Estes são alguns exemplos de queixas comportamentais potencialmente mediadas pela dor:

- Destrutividade quando deixado sozinho;

- Medo/ansiedade sem motivo aparente;
- A proteção de recursos;
- Agressão ao proprietário como impacto da glândula anal em cães e gatos;
- Recusar-se a passear, congelar durante o passeio ou recusar-se a entrar numa parte da casa com pavimento potencialmente escorregadio;
- Perturbar/acordar o dono durante a noite.

A presença de dor nos animais pode passar despercebida. Por isso, é importante que se evite ao máximo que os casos sejam gerenciados incompletamente (ASMUNDSON, et al., 2009). Em alguns casos, uma queixa primária pode ser comportamental, mas um ou mais dos sinais podem estar relacionados à dor. Esta é talvez uma situação menos comumente reconhecida, mas não menos importante, já que a falha em reconhecê-la pode resultar na melhora de alguns aspectos do problema com um plano de modificação de comportamento, mas os outros aspectos associados à dor parecem não responder ao tratamento (ASMUNDSON et al.; KATZ et al., 2009). Essa característica pode ser uma indicação para investigar esse tipo de problema. Se o aspecto da dor não for controlado, não apenas o paciente sofre, mas também os proprietários podem ficar frustrados por terem chegado longe mas não atingido o objetivo principal (KATZ, et al., 2009).

Por isso é muito importante ter durante todo o tempo de tratamento uma observação cautelosa, que permita averiguar a presença da dor aliada as alterações comportamentais, assim se terá acesso a fatores que contribuiriam para a realização de um tratamento mais completo e com mais chances de eficácia (KING et al., 2000).

Às vezes, a dor não é a causa do problema, mas pode exacerbá-lo. Condições como a dor induzem um viés cognitivo negativo, que pode exacerbar um leque de problemas associados ao estado afetivo negativo, como agitação, medos e frustrações (PINCUS; MORLEY, 2001; NEAVE et al., 2013).

No entanto, esta relação é provavelmente bidirecional, os animais que sofrem de problemas relacionados ao estado afetivo negativo (agitação, medo, frustrações), são também potencialmente mais sensíveis à dor. Como já mencionado, se atitudes forem tomadas de acordo com o princípio da precaução, sempre que houver suspeita de envolvimento de dor em um caso comportamental, o tratamento deve considerar o manejo da dor e de outros estados ativos negativos desde o início (KEOGH et al., 2002).

Isso se aplica mesmo que nenhuma lesão dolorosa possa ser encontrada se a intenção for resguardar o bem-estar do paciente. Obviamente, este tipo de regime de tratamento multimodal, pode ser difícil estabelecer o quanto cada um está contribuindo para o problema, a menos que algum aspecto do manejo seja alterado. Isto pode ser feito quando o problema estiver sob controle, em associação com a clínica fazendo o julgamento sobre qual aspecto do programa de tratamento pode ser facilitado primeiro. Em alguns casos, isso também pode ocorrer de maneira não intencional como por exemplo a exacerbação de comportamentos agressivos mediante redução na medicação para dor (BARCELOS et al., 2015).

É importante considerar a dor em qualquer caso de comportamento em que algum aspecto da gravidade do problema pareça desproporcional à causa. Pode ser a intensidade dos sinais, como por exemplo, a prontidão de um cão para fugir o mais rápido possível quando está assustado, pode ser o número de sinais mostrados ou até que ponto o problema se generaliza para outros estímulos ou para um contexto mais amplo (FAGUNDES et al., 2015).

Quando os animais ficam tensos (em resposta a um ruído por exemplo), eles sentem mais dor, o que pode explicar a generalização mais ampla da resposta. Animais com dor também tendem a se esconder em vez de procurar o tutor, e isso pode ocorrer porque o contato com o tutor pode estar associado a abraços ou carinhos na tentativa de tranquilizar o cão, mas essa ação pode exacerbar a dor. Mas vale ressaltar que a dor não afeta necessariamente todos os aspectos do problema igualmente (FAGUNDES et al., 2015).

Vale também chamar a atenção para a relação entre sinais de dor crônica e disfunção cognitiva em animais mais velhos. Muitos animais mais velhos podem sofrer de condições dolorosas crônicas, bem como um grau de declínio cognitivo, incluindo processos patológicos como disfunção cognitiva (SALVING et al., 2011).

A dor crônica pode não apenas parecer sintomaticamente semelhante, mas também pode exacerbar o envelhecimento normal e a disfunção cognitiva. Deve-se considerar que, ao invés de um animal ter dor ou uma dessas condições, ele pode ter ambas. Uma resposta parcial ao tratamento de uma condição pode indicar que o tratamento da dor junto ao do declínio cognitivo é necessário. Portanto, não apenas os veterinários, mas também os proprietários precisam se tornar muito mais conscientes da importância de ajudar os animais mais velhos (SALVING et al., 2010).

Existe também a possibilidade da presença de sinais comportamentais adjuvantes associados à presença de dor. A maioria dos veterinários está familiarizada com sinais de dor

que os animais dão, como por exemplo o deslocamento entre os membros quando em pé, uma marcha anormal, apoiar-se em objetos convenientes, interrupções na marcha, congelamento súbito, uma maneira incomum para se deitar e se sentar, uma postura não convencional de sentar ou deitar, comportamento incomum e/ou hesitante para defecar e urinar, mordiscar ou coçar excessivamente uma área específica, especialmente se for repentino e acompanhado por um estremecimento da pele ou por vocalização (MARITI et al., 2017). Na clínica por exemplo, inquietação, fungar excessivo, sinais de desconforto e comportamento de busca pelo proprietário também podem ser indicativos de dor (MARITI et al., 2017).

Uma preocupação existente é que alguns dos comportamentos são tão comuns em um determinado tipo/raça de cão que podem estar se tornando normalizados e, como resultado, seu significado clínico muitas vezes não é reconhecido (ROHDIN et al., 2018).

Cães com uma marcha anormal não são apenas mais propensos a serem irritáveis, relutantes em passear e incapazes de pular, mas também possuem uma prevalência muito maior de comportamentos adjuvantes, que podem ser menos associados à dor, tais como coçar anormal da cabeça e do pescoço, lambe o ar e mordiscar moscas. Se esses comportamentos são realmente sinais de dor ou estão associados a ela de outras maneiras, permanece incerto, e é por esse motivo que são tratados como comportamentos adjuvantes associados à dor, em vez de apenas sinais de dor. (RUSBRIDGE et al., 2019). Eles são, no entanto, clinicamente valiosos para comportamentalistas e veterinários gerais, pois são como uma indicação para um exame mais detalhado e consideração de um possível foco de dor.

São exemplos de outros comportamentos adjuvantes de importância incluem: bocejar, alongamento corporal frequente, sacudir o corpo com ou sem coçar e lambe excessivamente os membros (MARITI et al., 2017). E existem também alguns comportamentos que podem servir para aumentar a liberação de endorfina e conseqüentemente aliviar parte do desconforto sentido pelo animal como por exemplo bocejar, envolver-se em relacionamentos sociais e aumentar a interação com os tutores, este último inclusive pode ocasionar uma busca por atenção e angústia quando o tutor não estiver disponível (MARITI et al., 2017).

Infelizmente falhas de veterinários em apreciar a individualidade das respostas à dor em animais não são incomuns e podem prejudicar seriamente a realização de um tratamento completo, que visa a proteger o bem-estar dos pacientes (CAMPS et al., 2012).

4.2 Relato de caso

No dia 06 de março do ano de 2023, foi recebido o pedido de atendimento pela Estar Bem Pet de um canino, sem raça definida (SRD), macho, castrado e vacinado.

Como de praxe dos atendimentos realizados pela Estar Bem Pet, os tutores responderam um questionário com uma série de questões sobre o animal, seu histórico, seu histórico comportamental e sobre as queixas a serem apresentadas pelos tutores.

Manuel é um canino, sem raça definida (SRD), macho, castrado e vacinado com cerca de 8 anos de idade. Ele foi resgatado na orla da lagoa da Pampulha, onde aparentemente também foi abandonado. Os tutores não sabem sobre o histórico do animal anterior ao seu resgate.

Os tutores já possuíam uma cadela, também SRD, de porte médio/grande, de 11 anos e que está na família desde os 2 meses de idade. Os moradores da casa são o casal de tutores e o filho de 7 anos, todos possuem uma boa relação com os cães e participam das atividades e necessidades dos mesmos. O paciente e os tutores moram em uma casa com quintal nas proximidades da Lagoa da Pampulha. Os cães ficam majoritariamente no quintal com pouco acesso ao interior da casa.

Os tutores informaram também que passavam por um momento de dificuldade financeira, sendo portanto importante levar tal fato em consideração para a conduta do caso.

Manuel tinha no momento da primeira consulta como dieta, ração com algum tipo de carne misturada e às vezes cenoura crua, 2 vezes ao dia. Tutores relataram que ele come devagar e sem pressa.

Geralmente Manuel fica no quintal o dia todo e sai para uma caminhada de cerca de 40 minutos, 1 hora pelo menos 1 vez ao dia, às vezes 2 vezes ao dia.

No questionário preenchido foi informado que o paciente apresentava: comportamento indesejado (incluindo agressividade) com objetos; comportamento indesejado (incluindo agressividade) no território da casa a pessoas, cães, barulhos, etc; sensibilidade a barulhos (fogos de artifício, trovões, etc); ingestão de itens não comestíveis; problemas relacionados a separação (quando sozinho em casa ou na ausência de um tutor específico) e agitação extrema.

Foi relatado que Manuel apresenta estes problemas, de alguma forma, desde o seu resgate. Questionados se conseguiriam especificar algum evento ou gatilho que possa ter dado

início ao problema, foi respondido que ocorreu a separação dos tutores, e o tutor não está mais morando na mesma casa, mas ainda frequenta a casa constantemente, inclusive para a realização das atividades com o Manuel.

Foi informado que os problemas apontados ocorrem principalmente quando os tutores não estão em casa.

No questionário foi relatado também que o comportamento do paciente varia, e repentinamente ou após escutar algum barulho indesejado, ele começa a tremer, chorar e querer se esconder. Quando fica sozinho em casa, faz o “impossível” para entrar na casa e acaba se machucando e/ou destruindo partes da casa. Os problemas ocorriam praticamente todos os dias, variando em intensidade.

Quando requisitados a informar exemplos dos incidentes, os tutores relataram que no réveillon, saíram e deixaram ele sozinho, e quando voltavam os problemas em questão haviam ocorrido, inclusive encontravam marcas de sangue pela casa.

Foi informado que após passeios e brincadeiras, onde ele gasta mais energia, Manuel chega em casa cansado e aparenta ficar melhor. Foi acrescentado que, nos passeios, quando o paciente está sem coleira ele fica “menos encrenqueiro”.

No questionário foi relatado que os problemas tem piorado. Como possível causa de pioras, foi informado o fato do vizinho estar atirando em pombos com espingarda de chumbinho, fazendo o Manuel ficar muito assustado e desorientado com o barulho, tentando e querendo muito entrar em casa nestes momentos.

O único treinamento que ele recebeu foi por parte do próprio tutor, que tenta ensiná-lo comandos como ficar, sentar, etc e acredita que ele responde bem a estes treinos.

Sobre as necessidades, foi informado que não possuem problemas com relação a isso e que ele faz no local correto.

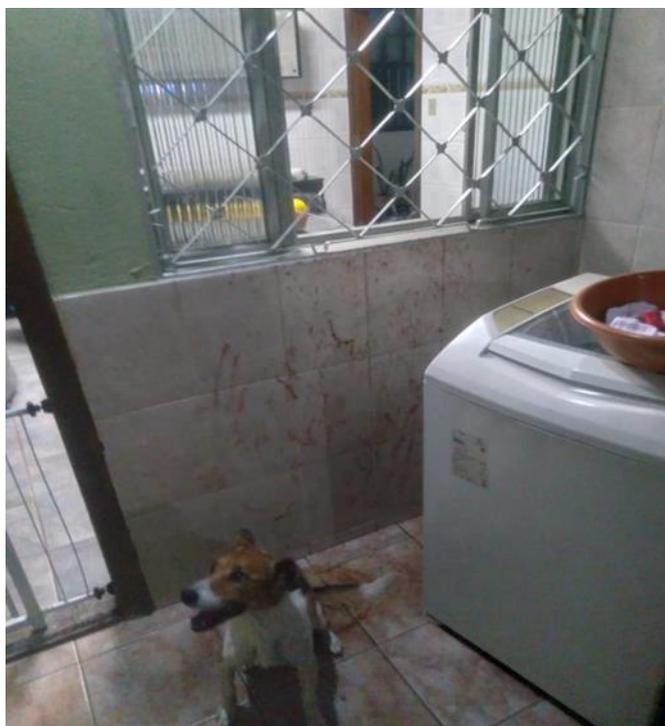
Também foi descrito que, quando ele realiza alguma ação indesejada, o tutor estala os dedos, faz um chiado com a boca e fala a palavra “não” em tom firme como forma de correção.

Quando perguntado sobre as atividades que o paciente gosta de realizar, foi respondido que ele adora correr e brincar com outros cães, adora passear (principalmente em locais com muita vegetação e muito espaço), gosta de buscar graveto, comer cenoura, frango e carnes em geral, gosta de leite e queijo (mas não fazem parte da sua dieta principal).

Também foi apontado que o paciente pode apresentar rosnados, mostrar os dentes, atacar, morder ao se tentar tirar objetos dele. Quando Francisco (filho do casal) tenta tirar objetos dele (graveto por exemplo), ele rosna, não morde, apenas rosna.

O paciente apresenta apetite por itens não comestíveis, principalmente objetos da residência durante eventos de barulho e ausência dos tutores. Foi informado que Manuel bebe cerca de 500ml de água por dia e foi relatado também que o paciente tem medo de alguns objetos, como chinelo, pano, vassouras e ruídos em geral.

Figura 2 – Paciente Manuel e marcas na parede e janela pela qual ele tenta forçadamente entrar em casa durante eventos que causam desconforto no animal.



Fonte: Do autor (2023)

Segundo os tutores, é um consenso que Manuel passa por problemas e precisa de ajuda. A realização do atendimento veterinário comportamental tem como principal intenção segundo o que foi informado no questionário, que ele tenha mais bem-estar, seja mais seguro e relaxado.

Figura 3 – Estado da sala da casa após a entrada do paciente durante uma saída dos tutores.



Fonte: Do autor (2023)

Na consulta comportamental presencial, realizada pela médica veterinária Ana Luisa no dia 15 de março de 2023, foi ressaltado pelos tutores que Manuel chegou na casa já apresentando algumas alterações comportamentais.

Foram relatados também episódios de vômitos, durante o passeio (onde ele fica muito agitado), quando bebe muita água e quando come grama. Relataram que episódios de diarreia costumam acontecer.

Os tutores informaram que fornecem comida humana para ele, seja misturada na ração ou à parte diariamente.

Foi descrito que no passeio, Manuel costumava passear sem coleira, mas os tutores relataram que têm de estar muito atentos pois quando ele vê outros cães, quer ir até eles e às vezes costuma avançar nestes cães com o rabo postado para cima. Ele já chegou a até escapar da coleira que estava frouxa em uma oportunidade. Quando passeia de coleira, os tutores informaram que ele puxa muito. Em situações que ele apresenta algum comportamento indesejado durante o passeio, os tutores costumam adverti-lo falando “não” e acreditam que ele responde bem a esta advertência. Manuel costuma chorar quando passa em frente aos portões de casas com cães. Quando cruzam com pessoas, ele demonstra mais medo, fica assustado.

Foi relatado mais uma vez que quando ele está com a bolinha e o filho do casal ameaça pegá-la ele rosna para ele.

Com relação a sensibilidade a barulhos, os tutores informaram que ele sempre teve muito medo. O vizinho passou a atirar em pombos e assusta ele com frequência com o barulho. Nestas situações ele fica querendo entrar em casa e também fica se escondendo em certos cantos. Se assusta muito com fogos de artifício e também com chuva e trovões. Quando os tutores saem, relataram que ele fica desesperado e tenta passar (e às vezes consegue) pelas grades da janela, inclusive se machucando. Chegou a comer e destruir algumas coisas da casa nessas situações.

Figura 4 – Objetos da casa destruídos e urina no chão após a entrada do paciente durante uma saída dos tutores.



Fonte: Do autor (2023)

Na palpação física feita pela médica veterinária Ana Luisa, Manuel sentiu desconforto em toda a região da coluna. Sentiu incômodo também na patela direita e anda com o membro pélvico direito mais rígido. Manuel também apresentava os pelos da região da coluna em sentidos diferentes dos demais pelos do animal.

Figura 5 - Estado da sala da casa após mais um episódio de entrada do paciente durante uma saída dos tutores.



Fonte: Do autor (2023)

Após esta primeira consulta, a médica veterinária Ana Luisa elaborou e disponibilizou para os tutores um relatório completo com todas as indicações dela para o caso do Manuel. Neste relatório Ana Luisa ressalta a possível associação dos estímulos sonoros sentidos pelo paciente com a presença de dor, tudo que foi informado possui embasamento científico.

Neste caso, Ana Luisa optou por realizar a medicação do paciente para dor, e assim verificar como a analgesia afetaria o comportamento do animal, se estava de fato relacionada a presença da dor ou se as alterações eram de fato de cunho comportamental apenas.

Portanto, como plano de ação a curto prazo (sugestão de que seja realizado em até 45 dias), foi recomendado que fossem realizados passeios mais longos, deixando o animal farejar bastante o ambiente (quando possível), foi indicado também o uso de feromônio (Adaptil©) no paciente, foi sugerida a preparação de um local confortável para o Manuel (com cobertores, caminha ou até a formação de uma “tenda”) poder ficar e recorrer quando quiser, e que neste local seguro ele não seja incomodado, acariciado, chamado e tocado.

Durante possíveis eventos de barulhos e/ou ausência dos tutores, caso Manuel possa ficar dentro de casa, foi indicado manter as janelas e cortinas fechadas (principalmente em dias

de chuva, fogos de artifício, etc), deixar a caminha/panos/tenda à disposição dele nestes eventos, ligar uma música clássica ou deixar o aparelho de televisão ligado em canais que os tutores costumam assistir (como sugestão foi indicado o canal do YouTube: Relax My Dog) em um volume um pouco mais elevado. Foi recomendado também a realização de atividades diferentes, brincadeiras quando o animal se interessar.

Caso Manuel fique do lado de fora da casa em possíveis situações e eventos considerados estressantes, foi recomendado que sejam fornecidas atividades de enriquecimento ambiental para que ele as realize durante estes eventos.

Como dica para o Manuel não puxar durante os passeios foi indicado que antes, não se fique anunciando que irão sair para evitar uma agitação prévia. É extremamente indicado que o animal esteja de coleira durante todo o tempo nos passeios. Em caso de puxões por parte do animal, foi indicado parar um pouco e quando a guia afrouxar, recompensá-lo com palavras e voltar a andar, fazendo que ele compreenda que quando ele puxa o passeio pára.

Foi sugerida também uma atividade de dessensibilização a barulhos, que objetiva mostrar ao animal que barulhos diversos não significam que algo ruim esteja ocorrendo. Ao trazer barulhos que geram incômodo para ele de forma controlada e com associações positivas, aos poucos o animal irá entender que os barulhos não são ameaçadores. Foi lembrado que mesmo com a realização dos treinos, existem alguns gatilhos que se tornam mais difíceis de serem abordados, como por exemplo o cheiro de chuva, mudanças de temperatura, pressão do ar, etc. Contudo, o objetivo é sempre chegar o mais próximo dessas situações e mostrar para o animal que estes sons fazem parte do dia-a-dia.

Como orientações para os treinamentos a serem realizados, foram indicados os seguintes tópicos:

- Buscar sempre que forem realizar o treino um ambiente mais calmo e neutro, sem muita distração (não fazer no momento dos barulhos externos, por exemplo);
- Ter por perto atividades (bolinha, brinquedos de roer, petiscos, patês) – pode-se também usar o momento da alimentação dele como uma forma de distração;
- Separar uma playlist no YouTube de barulhos – e escolher sempre um tipo de barulho antes dos treinos, mas não colocar os dois barulhos ao mesmo tempo. No YouTube serão encontrados como “barulhos fogos de artifício”, “barulhos de chuva”.

- Tendo tudo preparado, começar a atividade com o Manuel, e depois que ele estiver engajado, colocar o barulho.

- 1) O barulho deve ser colocado no volume MÍNIMO e aos poucos ser aumentado. Ficar sempre de olho nos sinais corporais demonstrados por ele durante esta atividade.
- 2) Caso ele não estiver demonstrando sinais de medo e desconforto durante a atividade e permaneça engajado durante a atividade, aumentar o volume. Deixar sempre ele fazendo a atividade/brincadeira em cada nível de volume por pelo menos 5 minutos antes de aumentar novamente, para que se tenha certeza de que associações positivas estejam sendo feitas.
- 3) Se mesmo com o volume baixo o Manuel estiver demonstrando sinais de medo ou desconforto, afastar ele do barulho (televisão ou celular) para que então ele engaje na atividade.
- 4) Aos poucos o volume poderá ser aumentado e a atividade deve ser feita em ambientes diferentes, para que ele generalize os comportamentos.

Também foi indicado parar com o fornecimento de ossos cozidos para ele na dieta e como alternativa de petisco. Ana orientou os tutores a fornecerem brinquedos para desviar a atenção dele dos objetos da casa.

Foi receitado como tratamento medicamentoso do paciente Cimalgex (AINE) 30mg, uma vez ao dia por 8 dias, para o tratamento e manejo da dor (Ana receitou uma caixa devido a questão financeira dos tutores) e também Pregabalina 75mg, 2 vezes ao dia por 60 dias, para o tratamento dos distúrbios de ansiedade.

No dia 18 de maio de 2023 foi realizada presencialmente uma consulta de retorno na casa dos tutores do paciente.

A tutora relatou que com o tratamento para a dor Manuel parou de entrar em casa e/ou tentar pular para dentro de casa quando está preso no quintal. Tutora também informou que em alguns dias ela não tem conseguido sair para passear com os cães, e mesmo assim ele está mais tranquilo e tem latido menos para os barulhos.

Ele ficou bem tranquilo durante a consulta. Os pelos das costas que na primeira visita estavam alterados desta vez estavam normais. Na reavaliação física Manuel ainda sentiu bastante a palpação da coluna, principalmente na musculatura.

O paciente ainda estava tomando a Pregabalina receitada na primeira consulta e o período do Cimalgex já havia se encerrado.

Ana indicou manter na Pregabalina e retornar com o Cimalgex (AINE) e solicitou a realização de um raio X de coluna.

4.3 Discussão

Alterações comportamentais associadas a presença de dor são muito mais comuns do que se relata. A dor pode estar presente de diversas maneiras em comportamentos anormais, incomuns e indesejados dos animais, e cabe ao trabalho de veterinários em conjunto com os tutores, a realização de uma verificação minuciosa que visa a identificar essa relação para que sejam escolhidos os melhores tratamentos pros pacientes, sejam estes comportamentais, analgésicos ou ambos como descrito por Mills (2019).

As informações do presente caso foram obtidas por meio da resposta do questionário fornecido pela empresa por parte dos tutores, juntamente à consulta presencial com anamnese e avaliação física.

Manuel era um cão que podia ter seu diagnóstico relacionado a sensibilidade a barulhos e ansiedade por separação, mas com a observação da movimentação, do pelo alterado nas costas e com a confirmação pela reação à palpação, notou-se o envolvimento da dor no caso.

Mills (2019) relatou que com o controle eficaz da dor por meio de analgesia, os comportamentos anormais podem reduzir significativamente. E assim ocorreu no caso relatado. Com o tratamento para dor, o paciente não mais tentou entrar em casa na presença de barulhos ou na ausência dos tutores e se mostrou bem mais tranquilo nos passeios e no dia-a-dia da casa.

Durante o retorno, na reavaliação física, Manuel ainda apresentou estímulos dolorosos em algumas regiões da coluna, o que fez com que a médica veterinária Ana Luisa optasse pela manutenção do tratamento previamente prescrito e retornasse com o anti-inflamatório não esteroidal, para aliviar ainda mais o paciente e requisitasse um raio X para diagnosticar com mais precisão onde pode estar a fonte da dor no animal.

4.4 Conclusão

Quando existe uma suspeita de dor em um paciente que apresenta um problema de comportamento, é importante se atentar sobre a possível influência que ela pode ter naquele indivíduo. Não se deve descartar o papel potencial que a dor desempenha nesses casos, mesmo que a ligação às vezes pareça improvável.

Animais que apresentam alterações no comportamento podem estar com dor ou apresentar alguma infecção, com isso se sentem desconfortáveis trazendo consigo um potencial de frustração, pois às vezes eles não conseguem acessar os recursos que desejam, uma vez que o custo do acesso aumenta com o grau de dor associado à sua obtenção.

Realizar uma analgesia experimental pode não ser suficiente para confirmar um possível foco de dor no animal, mas de toda forma, irá resguardar o bem-estar do paciente e poderá anular a necessidade de um terapia comportamental desnecessária. Portanto, priorizar o tratamento do foco da dor ao invés de considerar seu significado apenas quando o animal não responde à terapia comportamental pode ser mais vantajoso.

Para que se aumente a conscientização sobre esse problema, existe a necessidade de que na ocorrência destes tipos de casos, eles sejam documentados e relatados. Estas informações são valiosas para destacar observações importantes como um todo, pois permitem discernir características específicas para identificar esses tipos de problemas de comportamento que podem ser sugestivos de dor, e auxiliar médicos veterinários na diferenciação de casos clinicamente normais, mas com as mesmas queixas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio realizado mostrou-se uma experiência fundamental e muito enriquecedora, proporcionando uma vivência importante, que permitiu o desenvolvimento de novas habilidades práticas e sociais, impactando na formação profissional e pessoal.

O local escolhido para a realização do estágio apresentou um grande volume de casos, sendo estes muito variados, concedendo uma dinâmica valiosa para a rotina profissional e também para o presente trabalho. A revisão de literatura proporcionou um melhor entendimento da importância da dor no comportamento animal e foi proveitosa para a prática da pesquisa acadêmica.

Que este trabalho possa contribuir para a disseminação da Medicina Veterinária Comportamental e para uma maior valorização da área.

REFERÊNCIAS

- AFFENZELLER, N.; MCPEAKE, K.J.; MCCLEMENT, J.; ZULCH, H. Human-directed aggressive behavior as the main presenting sign in dogs subsequently diagnosed with diskospondylitis. **Vet. Rec.** 2017, v. 5.
- ASMUNDSON, G.J.; KATZ, J. Understanding the co-occurrence of anxiety disorders and chronic pain: State-of-the-art. **Depress. Anxiety** 2009, v. 26, p. 888–901.
- BARCELOS, A.M.; MCPEAKE, K.; AFFENZELLER, N.; MILLS, D.S. Common risk factors for urinary house soiling (periuria) in cats and its differentiation: The sensitivity and specificity of common diagnostic signs. **Front. Vet. Sci.** 2018, v. 5, p. 108.
- BARCELOS, A.M.; MILLS, D.S.; ZULCH, H. Clinical indicators of occult musculoskeletal pain in aggressive dogs. **Vet. Rec.** 2015, 176, 465.
- BÉCUWE-BONNET, V.; BÉLANGER, M.-C.; FRANK, D.; PARENT, J.; HÉLIE, P. Gastrointestinal disorders in dogs with excessive licking of surfaces. **J. Vet. Behav.** 2012, v. 7, p. 194–204
- CAMPS, T.; AMAT, M.; MARIOTTI, V.M.; LE BRECH, S.; MANTECA, X. Pain-related aggression in dogs: 12 clinical cases. **J. Vet. Behav.** 2012, v. 7. p. 99–102.
- DODD, T.; JONES, J.; HOLÁSKOVÁ, I.; MUKHERJEE, M. Behavioral problems may be associated with multi-level lumbosacral stenosis in military working dogs. **J. Vet. Behav.** 2019.
- FAGUNDES, A.L.; HEWISON, L.; MCPEAKE, K.J.; ZULCH, H.; MILLS, D.S. Noise sensitivities in Dogs: An exploration of signs in Dogs with and without Musculoskeletal Pain Using Qualitative content Analysis. **Front. Vet. Sci.** 2015, v. 5, p. 17.
- FINGLETON, C.; SMART, K.; MOLONEY, N.; FULLEN, B.M.; DOODY, C. Pain sensitization in people with knee osteoarthritis: **A systematic review and meta-analysis. Osteoarthr. Cartil.** 2015, v. 23, p. 1043–1056.
- FRANK, D.; BÉLANGER, M.-C.; BÉCUWE-BONNET, V.; PARENT, J. Prospective medical evaluation of 7 dogs presented with fly biting. **Can. Vet. J.** 2012, v. 53, p. 1279–1284.
- HOUSTON, D.M.; EAGLESOME, H. Unusual case of foreign body-induced struvite urolithiasis in a dog. **Can. Vet. J.** 2002, v. 40, p. 125.
- INTERNATIONAL VETERINARY BEHAVIOR MEETING. Proceedings of the 12th **International Veterinary Behavior Meeting**, Washington, DC, USA, 2019, Chester, UK, 2019.
- KEOGH, E.; COCHRANE, M. Anxiety sensitivity, cognitive biases, and the experience of pain. **Pain** 2002, v. 3, p. 320–329.
- KING, J.N.; SIMPSON, B.S.; OVERALL, K.L.; APPLEBY, D.; PAGEAT, P.; ROSS, C.; CHAURAND, J.P.; HEATH, S.; BEATA, C.; WEISS, A.B.; et al. Treatment of separation anxiety in dogs with clomipramine: Results from a prospective, randomized, double-blind, placebo-controlled, parallel-group, multicenter clinical trial. **Appl. Anim. Behav. Sci.** 2000, v. 67, p. 255–275.
- KLINCK, M.P.; FRANK, D.; GUILLOT, M.; TRONCY, E. Owner-perceived signs and veterinary diagnosis in 50 cases of feline osteoarthritis. **Can. Vet. J.** 2012, v. 53, p. 1181.

- KNAZOVICKY, D.; HELGESON, E.S.; CASE, B.; GRUEN, M.E.; MAIXNER, W.; LASCELLES, B.D. Widespread somatosensory sensitivity in naturally occurring canine model of osteoarthritis. **Pain** 2016, v. 157, p. 1325–1332.
- MARITI, C.; FALASCHI, C.; ZILOCCHI, M.; FATJÓ, J.; SIGHIERI, C.; OGI, A.; GAZZANO, A. Analysis of the intraspecific visual communication in the domestic dog (*Canis familiaris*): A pilot study on the case of calming signals. **J. Vet. Behav.** 2017, v. 18, p. 49–55.
- MILLS, D.S.; BERAL, A.; LAWSON, S. Attention seeking behavior in dogs—what owners love and loathe! **J. Vet. Behav.** 2010, v. 5, p. 60.
- NEAVE, H.W.; DAROS, R.R.; COSTA, J.H.; VON KEYSERLINGK, M.A.; WEARY, D.M. Pain and pessimism: Dairy calves exhibit negative judgement bias following hot-iron disbudding. **PLoS ONE** 2013, 8, e80556.
- NEILSON, J.C. Feline House Soiling: Elimination and marking behaviors. **Clin. Tech. Sm. Anim. Pract.** 2004, v. 19, p. 216–224.
- PINCUS, T.; MORLEY, S. Cognitive-processing bias in chronic pain: A review and integration. **Psychol. Bull.** 2001, p. 127, 599.
- POIRIER-GUAY, M.-P.; BÉLANGER, M.-C.; FRANK, D. Star gazing in a dog: Atypical manifestation of upper gastrointestinal disease. **Can. Vet. J.** 2014, v. 55, p. 1079–1082.
- REID, J.; WISEMAN-ORR, M.L.; SCOTT, E.M.; NOLAN, A.M. Development, validation and reliability of a web-based questionnaire to measure health-related quality of life in dogs. **J. Small Anim. Pract.** 2013, v. 54, p. 227–233.
- ROHDIN, C.; JÄDERLUND, K.H.; LJUNGVALL, I.; LINDBLAD-TOH, K.; HÄGGSTRÖM, J. High prevalence of gait abnormalities in pugs. **Vet. Rec.** 2018, p. 182, 167.
- RUSBRIDGE, C.; MCFADYEN, A.K.; KNOWER, S.P. Behavioral and clinical signs of Chiari-like malformation-associated pain and syringomyelia in Cavalier King Charles spaniels. **J. Vet. Int. Med.** 2019, v. 33, p. 2138–2150.
- SALVIN, H.E.; MCGREEVY, P.D.; SACHDEV, P.S.; VALENZUELA, M.J. Growing old gracefully—Behavioral changes associated with “successful aging” in the dog, *Canis familiaris*. **J. Vet. Behav.** 2011, v. 6, p. 313–320.
- SALVIN, H.E.; MCGREEVY, P.D.; SACHDEV, P.S.; VALENZUELA, M.J. Under diagnosis of canine cognitive dysfunction: A cross-sectional survey of older companion dogs. **Vet. J.** 2010, v. 184, p. 277–281.
- SHEPHERD, K.; HORWITZ, D.F.; MILLS, D.S. Ladder of aggression. In **BSAVA Manual of Canine and Feline Behavioral Medicine**; Eds.; BSAVA: Gloucester, UK, 2009; p. 13–16.
- VOITH, V.L. Profile of 100 animal behavior cases. **Mod. Vet. Pract.** 1981, v. 62, p. 483–484.
- WISEMAN-ORR, M.L.; NOLAN, A.M.; REID, J.; SCOTT, E.M. Development of a questionnaire to measure the effects of chronic pain on health-related quality of life in dogs. **Am. J. Vet. Res.** 2004, v. 65, p. 1077–1084.
- WORTH, A.J.; SANDFORD, M.; GIBSON, B.; STRATTON, R.; ERCEG, V.; BRIDGES, J.; JONES, B. Causes of loss or retirement from active duty for New Zealand police German Shepherd dogs. **Anim. Welf.** 2013, v. 22, p. 166–173.